

A EXISTÊNCIA (IN)VISÍVEL DO CONCEPTO MORTO CONTINUADA PELA PESSOA QUE GESTA

Vinicius dos Santos Moreira (PIC), Adriana Barin de Azevedo (Orientadora. E-mail: abazevedo@uem.br)

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Biológicas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Psicologia Social, Relações interpessoais.

Palavras-chave: Luto Perinatal; Suplemento Biográfico; Vinciane Despret.

apresentar três palavras-chave, fonte Arial 12, normal, alinhadas à esquerda, espaço simples, separando-as com ponto e vírgula. Evite repetir palavras do título e indique pelo menos um termo da linha de pesquisa ou referencial teórico.

RESUMO

Esta pesquisa visa compreender como os dispositivos tecnológicos definem a condição de existência do produto da concepção, e como ao morrer, ele pode ganhar um suplemento biográfico. Com base em uma abordagem qualitativa exploratória, foram levantados artigos por meios das bases de dados Google Acadêmico, Período Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), material que abordasse o luto gestacional precoce e a relação gestante-gestado, o estudo também fez uso da obra “‘Meio Quilo de Gente’: um estudo antropológico sobre ultra-som obstétrica”, de Lilian Krakowski Chazan e “Um brinde aos mortos: narrativas daqueles que ficam”, de Vinciane Despret. Os resultados indicam que, apesar de juridicamente invisíveis, esses conceitos mortos antes das 20 semanas de gestação adquirem densidade ontológica por meio dos vínculos afetivos e dispositivos que os vivos criam para lembrar, nomear e enlutá-los. Discutiu-se o papel ambivalente da ultrassonografia como tecnologia de subjetivação e de controle, e a insuficiência dos marcos legais atuais diante da complexidade dessas perdas. Conclui-se que a existência dos conceitos mortos precocemente pode ser compreendida como simulacros, exigindo reconhecimento ético e narrativo. A pesquisa contribui para ampliar os debates sobre luto perinatal, direitos reprodutivos e os limites normativos que definem quem pode ser considerado vida, pessoa ou perda legítima.

INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias de imagem médica, especialmente a ultrassonografia, transformou radicalmente a forma como compreendemos a existência fetal, antecipando visualmente a presença de um ser ainda em formação (Chazan, 2007). Tal antecipação, no entanto, levanta questões ontológicas, bioéticas e políticas complexas sobre o estatuto do conceito, sobretudo aqueles que morrem

antes da 20ª semana de gestação. Diante da ausência de registros formais, como a declaração de nascimento ou de óbito, esses conceitos permanecem em uma zona liminar da existência, não são plenamente reconhecidos nem pela medicina, nem pelo direito, tampouco pela cultura, sendo frequentemente reduzidos à condição de que não existiram.

Esta pesquisa se propôs a investigar esse entre-lugar ocupado pelos conceitos mortos precocemente, tomando como ponto de partida a imagem como elemento central de subjetivação e reconhecimento do feto. Ao explorar o papel da ultrassonografia na construção de vínculos, narrativas e identidades parentais, buscou-se compreender como esses seres podem existir enquanto simulacros, nos termos de Deleuze (2018).

A investigação se ancora principalmente nas contribuições de Vinciane Despret (2023), para pensar um modo de continuidade dessas vidas. A autora nos propõe um outro modo de relação entre os vivos e os mortos, ao afirmar que os mortos não cessam de viver, mas transformam sua presença ao serem inscritos em histórias, lembranças, objetos e rituais. O suplemento biográfico não se limita a um resgate memorial, mas constitui um modo ativo de fazer existir aquele que se foi, dando-lhe densidade simbólica e subjetiva. No caso dos conceitos mortos precocemente, essa continuidade se expressa nas caixas de memória, nos nomes atribuídos, nas fotografias de ultrassom guardadas com afeto - dispositivos que recusam o apagamento e reivindicam o direito de existir no tecido das histórias familiares.

Ao interrogar os limites normativos que regulam quem pode ser reconhecido como "vida" ou "perda legítima", esta pesquisa reivindica um campo ampliado de existência, onde mesmo as vidas mais breves e frágeis possam ser nomeadas, narradas e enlutadas. Longe de propor respostas unívocas, o trabalho pretende, antes, abrir espaço para escutar outras formas de estar no mundo - inclusive aquelas que não chegaram a nascer, mas que, ainda assim, persistem.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa exploratória, centrada na compreensão dos modos de existência atribuídos aos conceitos mortos antes da 20ª semana de gestação. A opção metodológica fundamenta-se na proposta de Mansano (2012), que defende uma pesquisa sem formas pré-determinadas, permitindo que o pesquisador seja afetado pelo objeto de estudo e que novas dimensões do problema emergjam ao longo do processo.

A investigação desenvolveu-se em três etapas principais. A primeira consistiu em uma revisão bibliográfica nas bases SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, com uso de descritores como "morte fetal", "luto perinatal", "relação materno-fetal", "dispositivo médico gestacional" e "rituais de despedida". Foram incluídos artigos e livros que abordassem o luto gestacional precoce e os processos de vinculação entre pessoa gestante-gestado.

A segunda etapa envolveu a análise de obras das autoras Lilian Krakowski Chazan, que discutiam a nova relação estabilidade entre gestante-gestado a partir da ultrassonografia; e Vinciane Despret, que nos propõe uma outra forma de nos relacionar com os mortos, a partir do suplemento biográfico.

Durante todo o processo foi feito uso do Diário de Pesquisa (Pezzato, Botazzo, L'Abbate, 2019) como dispositivo metodológico central. Nele, foram registradas impressões, afetos, desconfortos, reflexões e referências emergentes ao longo da leitura e análise teórica. Esse material serviu como fonte analítica para identificação de tensões, contradições e aberturas conceituais, contribuindo para a formulação das discussões sobre o suplemento biográfico, a política da existência e os dispositivos de inscrição dos conceitos no campo da memória.

Este item poderá ser denominado “Revisão de Literatura” nas áreas em que os materiais de pesquisa/fontes forem predominantemente bibliográficos e/ou eletrônicos. A formatação deve ser em fonte Arial 12 com espaço simples e parágrafo justificado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Chazan (2007), o avanço da imagem médica transformou o feto em sujeito imagético-material, separando-o da pessoa que gesta. Essa separação, embora técnica, inaugura uma subjetividade que passa a ser investida de afetos, nomes, expectativas e projeções familiares. Quando ocorre a morte precoce, a ainda um testemunho, um rastro (especialmente a imagem ultrassonográfica) de existência. A fotografia do ultrassom substitui a matéria corporal ausente: é o corpo sem corpo, mas com imagem.

Esse movimento se intensifica quando consideramos o conceito de simulacro em Deleuze (2018). O feto morto precocemente, ao não atingir o “modelo” de vida plena definido pela norma jurídico-biológica, é excluído da categoria “pessoa”. No entanto, ele persiste como simulacro: uma existência sem modelo, sem origem, mas plena em sua diferença. O simulacro, como escreve Deleuze, não é a cópia mal feita, mas aquilo que afirma sua potência de existir à margem da identidade. A imagem de ultrassom, nesse sentido, é a materialização dessa existência desviada - não reconhecida pelo Estado, mas reconhecida no afeto, no desejo e na dor dos vivos.

A noção de suplemento biográfico, desenvolvida por Vinciane Despret (2023), revela-se essencial. A imagem impressa, o nome escolhido, a roupa comprada antes do parto, tudo isso compõe uma narrativa que prolonga a existência daquele que se foi. O suplemento biográfico se caracteriza então como um processo de instauração de presença - presença que não depende da biologia, mas da inscrição simbólica operada pelos vivos.

Nesse contexto, o suplemento biográfico possível para esses conceitos, se expressa por meio da caixa de memórias, um dispositivo de aproximação que não apenas guarda os objetos de quem se foi, mas tem a capacidade de inscrever e sustentar a existência daqueles que ao morrerem, antes das 20 semanas e/ou 25cm

e/ou 500g, não possuem a garantia de se tornarem ao menos um número nos registros de óbito (Brasil, 2007).

CONCLUSÕES

Esta pesquisa evidenciou que, embora juridicamente invisíveis, os conceitos mortos antes da 20ª semana de gestação possuem uma existência por meio de imagens, afetos e narrativas produzidas pelos vivos. A ultrassonografia, ao antecipar a visualidade fetal, atua como dispositivo que inaugura presenças, tornando-se posteriormente rastro de memória. Com base em autores Despret e Deleuze, compreendemos que esses seres simulacros possuem uma existência que escapa aos modelos normativos, mas que persistem pela força do desejo e do suplemento biográfico. Reconhecer esses modos de existir é ampliar o campo do sensível e afirmar que mesmo as vidas breves merecem ser nomeadas, narradas, lembradas e blindadas. E, um brinde aos mortos! pois sim, eles existem.

REFERÊNCIAS

CHAZAN, L. K. **Meio quilo de gente**: um estudo antropológico sobre ultrassom obstétrico. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. 230 p.

BRASIL. Ministério da Saúde; Conselho Federal de Medicina; Centro Brasileiro de Classificação de Doenças. **A declaração de óbito: documento necessário e importante**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2007. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DESPRET, Vinciane. **Um brinde aos mortos**: narrativas daqueles que ficam. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições. 2023.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Alguns desafios colocados para a pesquisa qualitativa na contemporaneidade. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 136, Setembro 2012.

PEZZATO, Luciane Maria; BOTAZZO, Carlos; L'ABBATE, Solange. O diário como dispositivo em pesquisa multicêntrica. **Saúde Soc.** São Paulo, v.28, n.3, p.296-308, 2019.